

## EPISÓDIO 1: A PESQUISA NA ÉPOCA DA COVID-19

**Garry Aslanyan** [00:00:11] Olá e bem-vindo ao podcast Global Health Matters. Sou seu anfitrião, Garry Aslanyan. Desde o ano passado, todos nós nos tornamos mestres em adaptar nossas vidas como resultado da pandemia de COVID-19. Não é de surpreender que os pesquisadores também tenham que adaptar as regras com as quais jogam na época da pandemia. Os bloqueios nacionais trouxeram desafios como mobilidade restrita, acesso reduzido e riscos na condução do trabalho de campo. No entanto, toda crise também é uma oportunidade para inovação. Hoje, ouviremos convidados que trabalharam em pesquisas antes da pandemia e continuarão trabalhando nela, e veremos como eles se adaptaram à situação. Primeiro, me acompanha a Dra. Suneeta Krishnan. Suneeta é vice-diretora de estratégia, planejamento e avaliação gerencial no escritório da Fundação Bill & Melinda Gates na Índia. Suneeta é epidemiologista social por treinamento com mais de 20 anos de experiência na condução de pesquisas e no envolvimento de formuladores de políticas sobre saúde e equidade social na Índia. Ela compartilhará suas experiências de adaptação das atividades de pesquisa na época da pandemia. Oi Suneeta. Bem-vindo ao programa e obrigado por se juntar a mim de Delhi hoje. Talvez possamos começar compartilhando com nossos ouvintes como você teve que mudar de rumo e enfrentar os desafios apresentados pela COVID-19 em seu trabalho na Índia.

**Suneeta Krishnan** [00:01:57] Obrigado, Garry, e ótimo estar com você. Já faz quase um ano que a Índia impôs um bloqueio nacional muito rigoroso em face da pandemia de COVID-19. Naquela época, ficou imediatamente claro que estávamos enfrentando uma situação altamente dinâmica e que as informações seriam essenciais para orientar a resposta à pandemia. Havia a necessidade de dados em tempo real sobre quem estava sendo afetado pela COVID-19, mas também pelo bloqueio, como eles estavam sendo afetados e como as políticas precisavam mudar em resposta? Mas gerar dados em tempo real no contexto de uma pandemia e em um ambiente que ainda não estava configurado para fazer isso parecia muito assustador. Precisávamos de informações rápidas e, ao mesmo tempo, também precisávamos garantir que os insights chegassem àqueles que realmente pudessem usá-los. Então, tivemos que nos concentrar em obter as informações enquanto estávamos em meio a um bloqueio, mas também tínhamos que prestar atenção em levar essas informações às pessoas certas, e não podíamos esquecer os problemas que sempre enfrentamos quando fazemos pesquisas, que são questões relacionadas à qualidade dos dados e à ética em torno da coleta de dados. Neste episódio, Suneeta, também falei com outros dois pesquisadores, e gostaria de nós talvez discutir durante o episódio alguns dos temas que eles também abordaram nessas discussões e ver como isso se relaciona com sua própria situação.

**Garry Aslanyan** [00:03:37] A primeira é Muna Abdi. Muna é diretora do Departamento Central de Estatísticas da Somalilândia na Somália. Ela também é investigadora principal em uma pesquisa multinacional que envolve enfermeiras e parteiras que fornecem serviços de prevenção da mutilação genital feminina (MGF). Isso é muito interessante. Vamos ouvir Muna falar sobre como a COVID não apenas influenciou a situação da MGF na Somalilândia, mas também influenciou as atividades de pesquisa que ela está liderando.

**Muna Abdi** [00:04:18] Realizar pesquisas e mesmo antes da COVID-19, em um país como a Somalilândia, não é fácil por causa de muitos aspectos. Durante a pandemia de COVID-19, a situação ficou complicada e pior do que antes, pois o governo bloqueou e não havia nenhum movimento real. Isso significou que a coleta de dados e todas as atividades de pesquisa foram interrompidas. Outra situação é que as pessoas que não têm acesso e, principalmente, o serviço que estava realizando eram pesquisas domiciliares básicas, que eram pessoas que residiam nas áreas nômades e rurais. E nessa situação, não foi fácil conseguir isso, a menos que fôssemos lá e

coletássemos dados. Sabendo do aumento da MGF durante a COVID-19, não podemos ficar sentados e esperar até que ela termine. Por isso, decidimos prosseguir com nossa pesquisa com o procedimento de coleta de dados presencial, que era o procedimento normal que comumente acontecia no país. Mas iniciamos um novo método: proteger a equipe de pesquisa e os clientes, que são os entrevistados. Treinamos nossa equipe de pesquisa sobre métodos de prevenção e disseminação da COVID-19. Distribuímos equipamentos de EPI e, ao mesmo tempo, se eles encontrassem algum entrevistado que precisasse de equipamento de prevenção da COVID-19, entregá-lo a eles. Por outro lado, incentivamos nossa equipe a se beneficiar dessa oportunidade que temos agora, porque estamos conhecendo pessoas que nem estão cientes dessa pandemia, pessoas que não conhecem e das formas e métodos de propagação da COVID-19. Portanto, a equipe de pesquisa iniciou uma conscientização sobre a prevenção da COVID-19. Qualquer entrevistado que encontrar, ele dirá que a COVID-19 existe e que eles precisam se proteger e estão compartilhando o equipamento. Em nosso escritório, experimentamos novos métodos para obter informações. As comunidades da Somalilândia são divididas em três categorias: pessoas que vivem em áreas urbanas, a maioria das quais tem acesso à Internet e à tecnologia, pessoas em áreas rurais que não têm acesso à tecnologia e pessoas que vivem em áreas muito iguais ou piores do que aquelas que vivem nas áreas rurais. Então, em primeiro lugar, o que vimos é que a pandemia ocorreu nas áreas urbanas em comparação com as pessoas rurais e nômades. E para a primeira solução, começamos com pessoas que têm acesso à tecnologia e à Internet para que possamos obter suas informações, a percepção que elas atribuem a essa pandemia afetada por seu trabalho no movimento e/ou por sua vida normal. Por isso, começamos de novas maneiras de capturar os dados dos entrevistados e da sociedade que foi a primeira. Para pessoas com acesso, desenvolvemos pesquisas on-line usando mídias sociais, Facebook, Twitter, WhatsApp, e-mail e todos esses aplicativos de mídia social. E conseguimos obter informações para que o governo tome decisões concretas e imediatas sobre a pandemia.

**Garry Aslanyan** [00:08:36] Suneeta, como ouvimos dizer, o COVID resultou em muitas barreiras para conduzir pesquisas. Até agora, em um momento como este, é importante realizar algumas das atividades e elas continuaram, mas os riscos para a MGF aumentaram. E então, como você ouviu, Muna mencionou que eles usaram a tecnologia no início, depois retornaram à coleta normal de dados. Você já viu exemplos semelhantes de como métodos de pesquisa baseados em tecnologia inovadora foram usados em seus projetos?

**Suneeta Krishnan** [00:09:12] Absolutamente. Muito do que Muna disse ressoou em mim e, na verdade, tivemos experiências muito semelhantes, é claro, em uma variedade de tipos diferentes de problemas de saúde aqui na Índia. Vários exemplos de esforços de pesquisa baseados em tecnologia foram conduzidos no país, incluindo pesquisas on-line usando plataformas de mídia social, como WhatsApp, Facebook e sistemas interativos de resposta por voz. O método mais comum de pesquisa era por telefone e isso certamente representava vários desafios éticos. Há dois em particular nos quais eu gostaria de passar alguns minutos. A primeira é: como a pesquisa pode manter tanto o rigor quanto a ética no contexto de equipes de pesquisa que trabalham remotamente? Trabalhando em uma situação de trabalho em casa? Como o trabalho remoto afeta o funcionamento das equipes de pesquisa e a capacidade de realmente garantir a qualidade dos processos de coleta de dados? E a segunda pergunta que muitos grupos de pesquisa na Índia enfrentaram é o que acontece com a relação entre pesquisadores e participantes da pesquisa? Existem questões sobre o que você é obrigado a compartilhar e você é obrigado a informar os participantes sobre, por exemplo, os riscos da COVID-19, como o que Muna descreveu, mas também questões relacionadas a como você gerencia a privacidade e a confidencialidade no contexto de uma entrevista por telefone celular? Então, deixe-me responder essas duas

perguntas separadamente. Houve uma explosão de pesquisas por telefone no contexto da pandemia. Quais são as implicações de fazer uma pesquisa por telefone no contexto de uma situação de emergência? E tivemos vários diálogos no país sobre esse assunto e várias de nossas equipes de pesquisa também escreveram postagens em blogs. Assim, por exemplo, a Dalberg Advisors identificou quatro regras para conduzir pesquisas éticas durante a COVID-19. E eu gostaria de destacar duas regras específicas que eles criaram. Não são inovadores nem totalmente novos, mas a pandemia nos deu a oportunidade de nos lembrar da importância crítica da ética e da proteção dos participantes da pesquisa. Uma regra importante no contexto de uma emergência é: verifique sua licença para dirigir um projeto. Os autores destacaram a importância não apenas de pensar nas implicações e consequências não intencionais de fazer perguntas sobre tópicos selecionados. Às vezes, fazer perguntas específicas pode desencadear mais traumas. Mas também destacaram a importância de prestar atenção à sua própria capacidade de mitigar e lidar com essas consequências. Como resultado, instituições acadêmicas e organizações de pesquisa acabaram se unindo a grupos da sociedade civil para coletar dados porque os grupos da sociedade civil geralmente são grupos comunitários. Eles estavam em contato com as comunidades afetadas e, portanto, puderam orientar a formulação das questões de pesquisa. Eles estavam melhor posicionados para antecipar as implicações de fazer essas perguntas. E em terceiro lugar, e o mais importante, eles também estavam disponíveis para ajudar a lidar com o estado imediato de angústia ou necessidade que muitos entrevistados poderiam estar enfrentando. A segunda regra que os autores de Dalberg propuseram é criar seus próprios redutores de velocidade, que incluíram workshops internos, análises externas por pares de questionários de pesquisa, questionários de pré-teste, incluindo o uso de técnicas como entrevistas cognitivas e a obtenção de revisões e aprovações do IRB. O COVID tem sido um lembrete importante de que todas essas práticas de longa data que empregamos para fazer boas pesquisas são extremamente importantes no contexto de uma emergência.

**Garry Aslanyan** [00:13:26] Obrigado por isso, Suneeta. É claro que a pesquisa na época do COVID traz uma necessidade realmente considerável de verificar as dimensões éticas e verificar exatamente como os pesquisadores estão embarcando nisso. E é interessante que você tenha realmente que refletir sobre isso e isso ressoa com alguns dos comentários feitos por Muna. Anteriormente, também falei com o professor Dissou Affolabi. Dissou é chefe do Programa Nacional de Tuberculose em Benin, África Ocidental, e também é Secretário Executivo da Rede de Controle da TB da África Ocidental e Central. Então, vamos ouvir ao lado de Dissou e ver como a COVID afetou a TB no Benin, e também como fazer parte dessa rede regional de pesquisa de cerca de vinte e sete países africanos na África Ocidental abriu novas oportunidades.

**Dissou Affolabi** [00:14:48] O impacto foi muito grande e, em seguida, vimos na região de Benin que temos uma diminuição no número de casos de TB no segundo e terceiro trimestres do ano em comparação com 2019. É sobre a detecção de TB. O sistema para tratamento da TB é que você deve tomar os comprimidos. Você tem que tomar remédios na frente de um profissional de saúde. Portanto, um paciente no Benin está no hospital ou pode ir todos os dias de sua casa ao hospital para tomar os medicamentos. Mas quando o COVID chegou, o transporte era difícil e era mais difícil receber pacientes todos os dias. Por isso, implementamos um sistema para permitir que eles continuem recebendo o tratamento, apesar da COVID-19. O impacto da COVID-19 na TB é que ela desorganiza o sistema de saúde em muitos países. Às vezes, profissionais de saúde da TB, médicos, enfermeiros ou técnicos de laboratório são enviados a outros centros para cuidar do COVID em vez de cuidar de pacientes com TB. Precisamos estar juntos para combater a tuberculose. É por isso que configuramos, graças ao TDR, configuramos essa rede. O objetivo dessa rede é criar uma plataforma para compartilhar experiências, boas ou ruins, em uma

plataforma de discussão entre os programas nacionais de tuberculose. Além desse aspecto programático, também pensamos que, reunindo todos os programas nacionais de tuberculose, podemos lidar mais com a pesquisa. É por isso que a pesquisa também é uma grande parte dessa rede. Desde o início, implementamos uma série de webinars e, em cada webinar, temos um assunto para discutir. No início do próximo webinar, nossos colegas da Guiné e Serra Leoa compartilharão suas experiências sobre o Ebola e levantarão as questões que devemos implementar em todos os países; um plano de contingência para ver como podemos continuar combatendo a TB nestes tempos de COVID. É por isso que em todos esses países, temos treinamento em planejamento de contingência. Um plano de contingência tem dois objetivos. A primeira é continuar realizando atividades de TB nessa área, continuar a ter dados sobre TB, ver os desafios da TB e implementar medidas para mitigar o impacto da COVID-19 no aspecto programático da TB e também em nossos aspectos de pesquisa. Isso tem sido muito útil porque percebemos que em um ano agora temos 11 projetos com vários assuntos sobre COVID e TB e seu impacto em andamento. Esse não era o caso antes. Existem projetos sobre como podemos usar o COVID como uma oportunidade para detectar mais TB. O segundo tópico é sobre como podemos usar novas tecnologias para combater mais TB nestes tempos de COVID-19. Por exemplo, no Benin, estamos testando a supervisão remota usando novas tecnologias. Como temos problemas de bloqueio e movimentação, como podemos continuar sabendo o que está acontecendo nos centros de TB, como o trabalho está acontecendo lá, apesar das limitações das proibições de viagens. E, finalmente, o último tópico é sobre comunidade. Como podemos usar esse tempo para saber como uma comunidade pode se engajar para acompanhar melhor os pacientes com TB em seu tratamento. Desde o início de nossa rede, aumentamos a conscientização sobre a necessidade de pesquisas dentro do programa. Então, a COVID nos deu a oportunidade de ir além do que estávamos fazendo.

**Garry Aslanyan** [00:20:55] Suneeta, você também teve experiência em estabelecer uma rede de apoio à pesquisa e coleta de dados na Índia. Eu li antes do nosso bate-papo. Você poderia nos contar mais sobre essa experiência?

**Suneeta Krishnan** [00:21:10] Absolutamente. Então, quando o bloqueio nacional foi anunciado há um ano, começamos a testemunhar uma rápida mobilização de pesquisadores para documentar e analisar os efeitos da pandemia e das respostas políticas aqui na Índia. E alguns dias após o bloqueio nacional, começamos a interagir com vários desses pesquisadores. Durante essas conversas, uma preocupação repetida foi: como podemos realmente garantir que toda essa pesquisa para a qual estamos nos mobilizando agora realmente tenha impacto? Então, essa questão de maximizar o impacto da pesquisa continuou surgindo. Também ficou claro rapidamente que precisávamos encontrar uma maneira de aproveitar o poder e o potencial dessa comunidade de pesquisadores que estava se mobilizando para gerar dados e garantir também que eles estivessem fazendo isso de forma coerente, porque não queríamos que todas as pesquisas fossem feitas, por exemplo, em algumas regiões geográficas ou dentro de certos grupos socioeconômicos. Nós realmente precisávamos garantir que os dados estivessem sendo coletados em vários estados, cidades, áreas urbanas e áreas rurais, para que estivéssemos realmente contatando e tentando avaliar a vulnerabilidade de uma ampla variedade de grupos. E ficou claro que a comunidade de pesquisa precisava estar ciente do que os diferentes membros estavam fazendo. Precisávamos de uma plataforma em que pudéssemos nos reunir e compartilhar o que estávamos fazendo, compartilhar resultados e descobertas contínuas, além de ter um espaço no qual pudéssemos entender o que estávamos aprendendo e sintetizar isso para que pudéssemos nos comunicar de forma mais eficaz com os tomadores de decisão. E foi isso que nos levou a apoiar a formação de uma rede de pesquisa em ciências sociais focada na

COVID-19 que agora se chama CORE Net. Os objetivos da CORE Net eram realmente duplos. O primeiro foi reunir as principais partes interessadas, particularmente pesquisadores, a fim de gerar evidências e insights relevantes e sintetizados que pudessem ser comunicados de forma oportuna e coordenada ao governo e a outras partes interessadas envolvidas na resposta à pandemia. E o segundo objetivo era promover a ética e a equidade nas práticas e normas de pesquisa. A ideia era: podemos desenvolver certas normas, certos padrões dentro da comunidade de pesquisa para proteger tanto os pesquisadores quanto os participantes da pesquisa e seus interesses?

**Garry Aslanyan** [00:24:06] Suneeta, com sua experiência e com a experiência da África Ocidental, está claro que essas redes foram fundamentais e está claro que realmente era importante em um momento de pandemia se reunir, compartilhar experiências e compartilhar abordagens. Como podemos garantir que essas redes permaneçam eficazes e continuem, e nos baseamos nisso no chamado período pós-pandemia?

**Suneeta Krishnan** [00:24:43] Sim, essa é uma ótima pergunta. E também soa como a resposta de Dissou. Nesse caso, era uma rede de TB que já estava instalada e tinha certos objetivos e um certo imperativo antes da pandemia. Portanto, é muito provável que esses tipos de redes que já se uniram e têm um determinado objetivo em mente também sejam bastante resilientes. No contexto indiano, por exemplo, existe uma rede de parceiros e organizações de desenvolvimento que abordam o problema bastante grande de desnutrição infantil na Índia. Eles se mobilizam no contexto do COVID para realmente entender qual é o impacto da COVID-19 e as respostas relacionadas sobre a baixa estatura, a perda de peso, etc. Eu sei que essa é uma rede que já existe e acho que continuará após a pandemia porque eles têm um problema muito robusto no qual estão trabalhando juntos. Acho que redes como a CORE Net, que se uniram no contexto da pandemia, terão que realmente pensar sobre qual é a proposta de valor em certo sentido. Qual é esse objetivo convincente que os manterá juntos após a pandemia? Essas redes que se desenvolveram em resposta à pandemia são necessárias em uma situação pós-pandemia? Não sei, mas ao reunir a CORE Net, passamos um bom tempo pensando: Quais são os princípios da colaboração? O que nos permitirá trabalhar juntos de forma eficaz e talvez nos preparar para trabalhar juntos de forma eficaz, mesmo em um contexto pós-pandêmico? Então, deixe-me compartilhar alguns desses princípios com você, porque eu acho que eles são realmente importantes e também relevantes para outras redes. O primeiro princípio é o de aproveitar o coletivo. Você sabe que reúne diferentes partes interessadas nessa plataforma comum para alavancar o entendimento coletivo, os recursos coletivos e a experiência desse coletivo. Portanto, essa ideia de que juntos somos, na verdade, maior do que apenas a soma de nossas partes. Relacionado a isso está a oportunidade de reunir recursos de pesquisa. Então, uma das coisas que aconteceram no Kornet foi muita troca de instrumentos de pesquisa. Alguns grupos de pesquisa são realmente especialistas em como medir a questão da segurança alimentar. Outros eram realmente especialistas em como medir os meios de subsistência e os valores mobiliários. E assim, eles puderam, portanto, compartilhar esses conhecimentos uns com os outros. O processo pelo qual nos unimos nos permitiu construir alguma confiança e também desenvolver valores compartilhados. Descobrimos quais são os valores que impulsionam cada uma de nossas organizações e isso nos permitiu realmente construir essas parcerias e facilitou o intercâmbio. Toda a participação nessa rede foi realmente autodirigida. As pessoas vinham para a hora do café. Eles estavam se apresentando nos seminários mensais de pesquisa, etc., porque queriam participar, queriam compartilhar, queriam aprender uns com os outros. E junto com isso veio, eu acho, um respeito muito profundo pela diversidade; diversidade de pensamento, diversidade de abordagem, diversidade de posições. E acho que desenvolvemos muita gratidão no ano passado

por analisarmos o mesmo problema de pontos de vista diferentes, o fato de podermos realmente gerar muitos insights trazendo perspectivas diversas para um problema específico. E, finalmente, todos nós estávamos muito comprometidos com práticas éticas e responsáveis de dados, garantindo que estávamos prestando atenção a questões de consentimento informado, métodos para minimizar riscos relacionados a violações de confidencialidade e privacidade e assim por diante. Então, acho que alguns desses princípios nos permitiram ser uma espécie de comunidade de prática muito coesa, em certo sentido, e espero que vejamos como esses princípios evoluem e como eles nos manterão unidos mesmo quando a pandemia for resolvida.

**Garry Aslanyan** [00:29:36] Esse é provavelmente um dos tipos de benefícios inesperados de uma pandemia em que podemos refletir sobre essas abordagens e essas redes, e os princípios que você observou provavelmente ressoam em muitos de nossos ouvintes e tenho certeza de que são uma oportunidade de refletir sobre alguns dos quais eles também estão envolvidos. Então, obrigado por isso, Suneeta, um feedback muito rico de sua experiência. Outra oportunidade, continuando com o tema do que ouvimos de Muna e Dissou, foi que vimos os dois mencionarem atores não tradicionais que se envolveram em pesquisas ou em esforços de resposta. Então, Muna mencionou como os coletores de dados para pesquisas sobre mutilação genital feminina se tornaram mensageiros para aumentar a conscientização sobre o COVID e Dissou também mencionou como seu trabalho realmente deu uma oportunidade para algumas comunidades se envolverem no tratamento da TB. Você também viu um engajamento semelhante de novos atores nos esforços de pesquisa durante a pandemia?

**Suneeta Krishnan** [00:31:07] Absolutamente. Tanto o surgimento de novos atores engajados na pesquisa quanto a maior proeminência de atores que coletam dados há muitos e muitos anos, mas que não foram necessariamente reconhecidos e reconhecidos por seu papel na geração de dados e insights. Novamente, os esforços de coleta de dados que realmente adquiriram muito destaque são o surgimento de grupos da sociedade civil que se engajaram em amplos esforços de coleta de dados em toda a Índia. Por exemplo, nos primeiros dias do bloqueio nacional, muitos de nossos ouvintes podem estar cientes da migração de trabalhadores urbanos de áreas urbanas de volta para suas comunidades rurais. E isso criou uma espécie de segunda situação de emergência em muitas partes da Índia. Um dos grupos da sociedade civil que trabalha com trabalhadores migrantes há vários anos é Jan Sahas, e eles realizaram uma avaliação rápida e fabulosa por telefone celular dos impactos do bloqueio sobre esses trabalhadores migrantes internos. E eles fizeram isso com base em um banco de dados de números de telefone de sessenta mil trabalhadores que haviam sido registrados com eles antes da pandemia. E os dados que eles coletaram foram absolutamente fundamentais para moldar tanto a resposta da sociedade civil quanto a resposta do estado à crise dos trabalhadores migrantes que vivenciamos. Portanto, dada a escala em que muitas organizações da sociedade civil trabalham na Índia, acho que há uma grande margem para maiores parcerias entre pesquisadores e essas organizações para conduzir pesquisas significativas e realmente fechar esse ciclo da pesquisa à ação. O segundo grupo que, como indiquei, também esteve envolvido em muitas coletas de dados, mas não necessariamente foi reconhecido e recebeu muita atenção, são os agentes comunitários de saúde da linha de frente. Agentes comunitários de saúde estão coletando informações sobre mulheres grávidas, crianças menores de cinco anos e seu crescimento e reinserindo-as na prestação de serviços e assim por diante por vários anos. Agora, no contexto da pandemia, a Índia mobilizou centenas de milhares desses agentes comunitários de saúde para coletar informações para orientar a resposta à pandemia, entender quem tem sintomas de COVID e ajudar a rastrear e se engajar na vigilância em nível comunitário, mas também vincular indivíduos sintomáticos ou que estavam em famílias com indivíduos sintomáticos a testes, instalações de tratamento, etc., e seus esforços de coleta

de dados em auxílio à prestação de serviços e à saúde pública também foram amplamente reconhecidos no contexto da pandemia.

**Garry Aslanyan** [00:34:22] Ótimo, obrigado por isso e, claramente, é uma experiência compartilhada na pandemia em termos de engajamento, e esperamos que isso continue depois do proverbial, depois do mundo pandêmico que todos esperamos. O último deles ou uma área que eu queria revelar para nós era, você já mencionou essa parte da pesquisa em ação, como algumas comunidades se engajaram por causa disso e ficou mais importante que elas se engajassem. Vamos ouvir Muna, onde ela reflete sobre por que, mesmo em tempos de pandemia, a pesquisa precisa continuar. E veremos suas reflexões sobre esse aspecto.

**Muna Abdi** [00:35:21] Usando novos mecanismos que lhes permitem continuar seu trabalho sem realmente prejudicar a si mesmos ou prejudicar os clientes ou entrevistados, eles estão coletando os dados. Mas vamos fazer nossa pesquisa, vamos continuar as atividades relacionadas à pesquisa, que é a única maneira de esclarecer e ver o futuro. Na verdade, podemos dar soluções para essas situações e problemas que temos. É o método pelo qual podemos realmente ver a verdade que existe. Então, se pararmos por causa de uma pandemia ou por causa de qualquer outro desafio que aconteça conosco, o que significa que não sabemos para onde estamos indo, não conhecemos a situação que estamos vendo e não conhecemos os planos e mecanismos futuros, pelo menos para realmente seguir em frente. Então, vamos prosseguir e pesquisar, estar no alvo, mas vamos nos proteger.

**Garry Aslanyan** [00:36:34] Suneeta, Muna destacou o valor da pesquisa de forma clara e potencialmente como isso precisa ser traduzido em ação. Recentemente, você trabalhou mais para fortalecer os esforços para traduzir evidências em políticas na Índia ou na região?

**Suneeta Krishnan** [00:36:53] Absolutamente. Incorporamos pesquisa e avaliação em muitos de nossos investimentos, que em grande parte têm a ver com assistência técnica a governos estaduais e nacionais em vários domínios programáticos. Portanto, prestamos atenção a: Como os dados são usados para a tomada de decisões? Como a pesquisa se traduz em ação? Essa é uma área em que ainda estamos desenvolvendo nossa compreensão e desenvolvendo nossas habilidades sobre como fazer isso bem. Acho que essa é uma área em que toda a tradução de evidências em ação é uma área bastante discutida no campo e uma área em que eu acho que não há respostas claras ou não há um roteiro para fazer essas cinco coisas e, automaticamente, a tradução de evidências para políticas ou ações ocorrerá. Mas há vários insights que adquirimos ao longo do tempo. E deixe-me compartilhar algumas das ideias que tenho. Uma delas é a importância de promover a demanda e a oferta de evidências. Então, acho que precisamos reconhecer que é muito importante dialogar com os tomadores de decisão para que surja: Quais são as principais perguntas que eles têm? Qual é a evidência de que eles precisam para poderem tomar suas decisões de forma mais eficaz e informada? e, em seguida, construa o suprimento, construa os sistemas de dados, construa o monitoramento e a avaliação de forma que possamos realmente responder às perguntas dos tomadores de decisão. Portanto, o diálogo, eu acho, é realmente fundamental entre aqueles que têm a demanda e a capacidade de fornecer evidências para a ação e aqueles que fornecem a evidência em si a fornecerão. A segunda visão é que nenhuma informação, nenhum estudo, nenhuma fonte única de dados ou tipo de dado provavelmente será suficiente para ajudar a facilitar o que normalmente são decisões complexas no contexto de um programa de desenvolvimento. É muito, muito importante usar uma variedade de fontes de dados: dados qualitativos, dados quantitativos, dados administrativos, bem como dados de pesquisas, etc. Então, realmente trazer e garantir que haja uma diversidade de fontes

de dados e uma diversidade de perspectivas que estejam produzindo evidências é importante. A terceira é realmente ativar esses ciclos de feedback entre aqueles que estão produzindo e gerando dados e evidências e aqueles que estão agindo no contexto de políticas ou programas. Fazer exercícios periódicos, o que eu chamo, pausar e refletir, também é muito importante porque eles permitem que as partes interessadas do programa façam um balanço de como seus programas estão funcionando para identificar as áreas em que existem lacunas de informação que podem então ser exploradas por meio de atividades de coleta de dados. Então, acho que esses são os três principais insights que eu tenho. A quarta é que acho que não nos saímos muito bem com a ideia de celebrar os fracassos, porque há muitos insights e evidências incorporadas em programas e ações que, na verdade, não funcionam da maneira que você espera, e celebrá-los, assumir riscos e realmente testar suas novas ideias e estar disposto a falhar, acho que também são muito importantes e podem transformar toda essa evidência em ciclo de ação.

**Garry Aslanyan** [00:41:04] Então, você diria que a situação do COVID tornou mais difícil ou mais fácil traduzir evidências neste momento, especialmente quando muitos tomadores de decisão estão interessados em mais informações? Eles querem saber mais. Você observou alguma mudança nesse aspecto específico do seu trabalho?

**Suneeta Krishnan** [00:41:26] Acho que tem havido uma grande fome de informações por parte de indivíduos que estão definindo políticas ou implementando programas porque o COVID é muito dinâmico. Todos os dias nos deparamos com um cenário de mudança. Portanto, a importância de ter as informações mais recentes e usá-las para ajustar a resposta ficou completamente clara. Acho que em situações pré-pandêmicas ou não pandêmicas, você não percebe necessariamente o quão dinâmicas as comunidades e os problemas realmente são, mas a pandemia apenas exacerbou isso, deixou tudo muito claro. E acho que isso também uniu todo mundo de certa forma; há tantas divisões entre nós e tantos problemas que impedem que, na verdade, todos nós nos sentemos à mesa ou via Zoom e trocamos ideias, trocamos informações, etc. No contexto da pandemia, tivemos que deixar todas as nossas diferenças de lado e nos unir porque tínhamos que responder. Isso era literalmente, para muitas pessoas, vida ou morte. E uma das coisas que estamos enfrentando é como nos apegamos a esse senso de urgência e aquela compulsão de realmente nos sentarmos juntos, trocar informações e tomar decisões informadas, mas também de chegar a essas decisões em tempo hábil. Acho que o senso de urgência, essa vontade de deixar de lado as diferenças e, na verdade, nos unir para ajudar a tomar boas decisões é absolutamente algo em que queremos nos manter e precisamos nos manter.

**Garry Aslanyan** [00:43:18] Ao encerrarmos o episódio de hoje, você tem alguma recomendação para a realização de pesquisas na época do COVID, na época da pandemia?

**Suneeta Krishnan** [00:43:28] Acho que já discutimos isso um pouco. Essa ideia de fazer parte de uma comunidade e contribuir para uma comunidade. Para mim, pensar na pesquisa e no esforço de pesquisa como um esforço que envolve e envolve fazer parte de uma comunidade, e também construir uma comunidade, é algo que eu retiro dessa pandemia. E há uma citação de M. Scott Peck, que na verdade está no livro de Bell Hooks chamado All About Love, que me fez continuar no último ano. E o PEX diz: O que é comunidade? A comunidade é um grupo de indivíduos que aprenderam a se comunicar honestamente uns com os outros, cujos relacionamentos são mais profundos do que suas máscaras de compostura e que desenvolveram um compromisso significativo de se alegrar juntos, chorar juntos, deleitar-se uns com os outros e tornar nossas as condições de cada um. Assim, o PECC declara, na vida comunitária e por meio dela, a salvação do mundo. E ao olhar para uma era pós-pandemia, o que eu gostaria de levar comigo a partir deste

ano é a ideia de usar pesquisas e fazer pesquisas de uma forma que crie um senso de comunidade e construa comunidades. E acho que é assim que realmente garantimos que a pesquisa não permaneça na academia, mas também seja aplicada e usada para melhorar a condição humana.

**Garry Aslanyan** [00:45:14] Obrigado, isso é realmente inspirador, Suneeta. É um momento empolgante para fazer pesquisas, e está claro que hoje passamos do Benin para a Somália e para a Índia, e os desafios existem, mas, apesar dos desafios, a pesquisa continuou. A necessidade de pesquisa ainda existe. A necessidade de evidências obviamente é ainda maior do que nunca. E muitas novas oportunidades também surgiram, especialmente quando se trata do uso de tecnologia, quando se trata de considerações mais diferenciadas sobre ética, oportunidades de engajar comunidades ou atores que, de outra forma, não estão realmente engajados em, obviamente, uma melhor compreensão de como comunicamos as evidências aos tomadores de decisão. Então, obrigado por isso. Agradecemos ao nosso público por ouvir hoje. Estamos muito entusiasmados por você ter se juntado a nós. Lembramos que você pode assinar nosso podcast em qualquer plataforma que usar. Você pode encontrar as notas sobre o episódio que acabou de ouvir no site do TDR e informações sobre os convidados de hoje, bem como qualquer outro material relacionado. Você pode entrar em contato conosco enviando um e-mail, bem como postando seus comentários em nossas contas de mídia social. Obrigado por ouvir.

**Elisabetta Dessi** [00:47:01] O Global Health Matters é produzido pelo TDR, o Programa Especial de Pesquisa e Treinamento em Doenças Tropicais. Garry Aslanyan, Lindi van Niekerk e Makiko Kitamura são os produtores de conteúdo e Obadiah George é o produtor técnico. Esse podcast também foi possível com o apoio de Chris Coze, Elisabetta Dessi e Izabela Suder-Dayao. O objetivo do Global Health Matters é fornecer um fórum para compartilhar perspectivas sobre questões-chave que afetam a pesquisa global em saúde. Envie-nos seus comentários e sugestões para [TDRpod@who.int](mailto:TDRpod@who.int) e não se esqueça de baixar e assinar onde quer que receba seus podcasts. Obrigado por ouvir.